

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

Willians Alves da Silva¹

RESUMO

Este artigo busca fazer um exercício de reflexão histórica sobre o literato Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e a sua escrita denunciadora, gestada, principalmente, nos anos iniciais da Primeira República brasileira (1903-1922). O estudo apropria-se historicamente da vida e da obra do escritor carioca para entender as novas dinâmicas políticas, culturais e sociais do Rio de Janeiro, ao tempo em que investiga como o autor de *Os Bruzundangas* (1922), inserido no lastro de “paladinos malogrados” e “mosqueteiros intelectuais”, promove uma série de críticas ao governo republicano e às suas instituições. Lima Barreto é responsável por uma vasta produção escrita (à *clef*) que aborda variados temas que vão desde questões pessoais até suas ideias sobre liberdade, justiça, igualdade, relações interracialis e a dinâmica social no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX. Com isso, o trabalho se debruça sobre o *corpus* documental de seus diários, correspondências (ativa e passiva), e publicações de crônicas. Conceitualmente, a pesquisa dialoga com autores como Beatriz Resende (2004), Lilia Moritz Schwarcz (2004), Nicolau Sevcenko (1989), Emília Viotti da Costa (2010), além de outros.

Palavras-chave: História. Lima Barreto. Primeira República. Escrita militante.

ABSTRACT

This article is an exercise in historical reflection on the writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) and his denunciatory writing, which was mainly produced in the early years of Brazil's First Republic (1903-1922). The study takes a historical approach to the life and work of the Rio de Janeiro writer in order to understand the new political, cultural and social dynamics of Rio de Janeiro, while investigating how the author of *Os Bruzundangas* (1922), inserted in the ranks of “failed paladins” and “intellectual musketeers”, promoted a series of criticisms of the republican government and its institutions. Lima Barreto is responsible for a vast body of writing (a *clef*) that deals with a variety of themes, ranging from personal issues to his ideas on freedom, justice, equality, interracial relations and the social dynamics of Rio de Janeiro in the late 19th and early 20th centuries. With this in mind, the work focuses on the documentary corpus of his diaries, correspondence (active and passive), and published chronicles. Conceptually, the research dialogues with authors such as Beatriz Resende (2004), Lilia Moritz Schwarcz (2004), Nicolau Sevcenko (1989), Emília Viotti da Costa (2010), among others.

Keywords: History. Lima Barreto. First Republic. Militant writing.

¹ Doutorando em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/UFPI. Mestre em História do Brasil pela mesma instituição. E-mail: williansalves@ufpi.edu.br.

**“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”:
LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS**

**“AL BORDE DE SEPULCROS ENCALADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO
Y LA REPÚBLICA DE LOS PRESAGIOS**

RESUMEN

Este artículo es un ejercicio de reflexión histórica sobre el literato Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) y su obra de denuncia, que se desarrolló principalmente en los primeros años de la Primera República (1903-1922). El estudio aborda históricamente la vida y la obra del escritor carioca para comprender las nuevas dinámicas políticas, culturales y sociales de Río de Janeiro, al mismo tiempo que investiga cómo el autor de *Os Bruzundangas* (1922), inserto en las filas de los «paladines fracasados» y de los «mosqueteros intelectuales», promovió una serie de críticas al gobierno republicano y a sus instituciones. Lima Barreto es responsable de una vasta obra escrita (à clef) que aborda diversos temas, desde cuestiones personales hasta sus ideas sobre la libertad, la justicia, la igualdad, las relaciones interraciales y la dinámica social de Río de Janeiro a finales del siglo XIX y principios del XX. Para ello, el trabajo se centra en el *corpus* documental de sus diarios, correspondencia (activa y pasiva) y crónicas publicadas. Conceptualmente, la investigación dialoga con autores como Beatriz Resende (2004), Lilia Moritz Schwarcz (2004), Nicolau Sevcenko (1989), Emília Viotti da Costa (2010), entre otros.

Palabras clave: Historia. Lima Barreto. Primera República. Escritura militante.

Introito: à guisa de um panorama histórico

A segunda metade do século XVII e, principalmente o século XVIII, foram palco de mudanças profundas em muitas sociedades. Com o despontamento do *Enlightenment* e as suas iniciativas – a concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado², a supervalorização da razão, a humanidade enquanto totalidade –, as regras e os códigos políticos, pensados até então para gerir e respaldar monarquias absolutistas, começaram a ruir, colocando em xeque muitas formas de governos e instituições. Os Estados absolutistas passaram, então, a enfrentar o considerável avanço dos liberalismos, ao tempo em que assistiam os pilares mercantilistas desmoronarem. A Independência das Treze Colônias em 1776 e, posteriormente, a Revolução Francesa e a Revolução de *Saint-Domingue* provaram que os ideais de *liberté, égalité e fraternité* ganhavam cada vez mais fôlego, tornando-se catalisadores na derrocada de sistemas milenares, como o *Ancien Régime*.

Com a chegada de Napoleão Bonaparte ao poder francês, o mundo presenciou a proliferação de um expansionismo violento e a ascensão de novos códigos morais e civis.

² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020, p. 10.
Hum Res, v. 7, n. 11, 2025, ISSN: 2675 - 3901 p. 59 – 78 , jan. a jul de 2025. DOI: citado na página inicial do texto.

Aplicando severas sanções e embargos econômicos às nações que descumprissem o Bloqueio continental – que castigava o império britânico, – Napoleão daria início a uma série de fugas às Coroas. Em 1808, pelo brusco movimento de peças-chave no tabuleiro político da Europa, algumas nações teriam seus destinos traçados, principalmente as nações ibéricas. A partir de 1812, Espanha, sob a égide governamental de José Bonaparte e a destituição do monarca Fernando VII, assistiria a um amontado de complicações em Cádiz. Em Portugal, o descumprimento ao bloqueio de 1806 levaria tropas napoleônicas à invasão do território lusitano, tendo como resultado a fuga da família real para terras brasileiras (uma de suas mais lucrativas colônias).

Esse pequeno panorama histórico serve para ilustrar e alargar o entendimento de nossa própria história, posto que nenhum evento histórico se fecha sobre si mesmo. Muitos dos desdobramentos políticos no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até depois, foram consequências diretas ou indiretas das efervescências políticas e das manobras de poderes escalonados, principalmente, no continente europeu. Não se procura com tais observações monopolizar a crise política na Europa como a responsável “legítima” para os muitos desdobramentos políticos ocorridos nas Américas. Os movimentos e desequilíbrios políticos processados na Europa ocidental, frisa-se, são apenas alguns dos muitos estratos e camadas que ajudam a perceber e entender o complexo histórico de muitas outras experiências.

Isso posto, todo esse cenário político, todas essas específicas condições históricas nos possibilitam entender muitas das transformações ocorridas no Brasil. O Rio de Janeiro, por exemplo, remodelado para ser a capital que atenderia aos reis, experimentaria com o avanço liberal (ainda que sob o regime autoritário de monarcas e regentes) um lastro de transformações urbanas, de mudanças sociais e de aberturas culturais e institucionais. A capital, no entanto, não atenderia plenamente aos desejos de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Preservando o regime da escravidão, sustentando desigualdades e perpetuando todos os tipos de exclusões e preconceitos, a cidade carioca, que mais parecia um protótipo de *Luzes* bruxuleantes, serviria como *perfectam exemplum* de marginalização. Sepulcro caiado, o Rio de Janeiro, que sediou importantes decisões políticas e administrativas na época do Império e da República, ostentaria em sua superfície os homens de letras, os mosqueteiros intelectuais, as oligarquias, os positivismos, as grandes instituições e corporações, as administrações patrimoniais e burocráticas. Por dentro, no entanto, no mais desvelado de seu âmago, a capital continuaria a ser corroída por vermes ideológicos, por *bovarismos* e por darwinismos. Rio de Janeiro, capital,

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

belle époque, demolições³, desapropriações. Eis a grande cidade-máquina de gerar política e viabilizar exclusões.

“Com uma navalha nas phrases”⁴: Lima Barreto denuncia o abismo

Temática profícua e de interesse intelectual, a vinda do rei português Dom João VI ao Brasil e sua estadia no Rio de Janeiro estiveram presentes nos escritos de muitos literatos brasileiros, tantos dos que vivenciaram a experiência do Império brasileiro quanto dos que assistiram aos últimos presságios da monarquia, passando a experimentar o novo modelo político republicano. Este último exemplo serve bem para ilustrar os condicionamentos sociais, políticos e culturais do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto, literato que manteve uma escrita denunciativa sobre as novas estruturas políticas e administrativas do Brasil republicano. O professor Allan H. Pasco (2015)⁵, em artigo intitulado *Literature as Historical Archive*, explica que, embora os escritos literários não forneçam normalmente informações exatas e/ou precisas sobre discursos e leis, eles servem particularmente para compreender novas e expressivas camadas dos sujeitos e das sociedades, como opiniões, atitudes comuns e mesmo singulares aspectos da vida cotidiana.⁶ Dessa forma, a fonte literária pode fornecer uma janela fiável para o passado, trazendo nova luz à nossa percepção histórica. Segundo Robert Darnton (2016), historiador algum consegue entrar na consciência dos sujeitos históricos. Porém, com documentação suficiente, pode-se detectar padrões de pensamento e ação.⁷

³ No início do século XX, havia muita controvérsia sobre a demolição do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, em que opiniões se valiam de argumentos como a falta de higiene e o atraso que representava; para outros, significava a destruição da própria memória da cidade. Crítico assíduo do seu desmonte, Lima Barreto escreveria um artigo na revista *Careta*, de 28 de agosto de 1920, chamado “*Megalomania*”, no qual “chamava atenção para o descaso com a precariedade das habitações da população mais pobre, considerando que, por consequência, deixaria milhões de desabrigados”. In: SIMAS, Daniele. O desmonte do Morro do Castelo. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo>. Acesso em 10 de julho de 2024.

⁴ A frase é de Carlos Maul. No dia 26 de abril de 1925 – três anos e cinco meses após a morte do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto – o jornal paulista *A Tribuna* publicou uma espécie de tributo fúnebre a Lima Barreto. In: MAUL, Carlos. Lima Barreto, desconhecido. *A Tribuna*. Santos, domingo, 26 de abril de 1925, ano XXXII, p. 02.

⁵ PASCO, Allan H. Distinguished Professor of Nineteenth-Century Literature - University of Kansas, KU, Department of French and Italian.

⁶ PASCO, ALLAN H. *Literature as Historical Archive*. New Literary History, Volume 35, Number 3, Summer 2004, pp. 373-394 (Article), p. 373. Disponível em: https://kuscholarworks.ku.edu/bitstream/handle/1808/16339/Pasco_Literature_as_Historical_Archive_2004.pdf;jsessionid=FFC240847FDE46499CCDA6BDF6B40D16?sequence=1. Acesso em 26 de julho de 2024.

⁷ DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 07.

Nascido no Rio de Janeiro a 13 de maio de 1881, e filho de pais mestiços, Afonso Henriques de Lima Barreto, por influência direta ou por afinidade eletiva, inscreve-se entre os raros herdeiros de Machado de Assis, não podendo seguir as trilhas do mestre por conta dos azares da fortuna e do temperamento⁸. Acrescenta-se, como observa Massaud Moisés (2016), que Lima Barreto se formou e criou a sua obra no ambiente efervescente da *belle époque*; no entanto, a despeito de sua extensa e expressiva obra, o literato permaneceu no anonimato logo após a sua morte, em 01 de novembro de 1922. O escritor foi somente resgatado dos escombros do esquecimento na década de 1950, graças à edição e publicação de suas obras completas organizadas por Francisco de Assis Barbosa, que se tornaria um de seus primeiros biógrafos. Segundo ainda Massaud, há em Lima uma sofreguidão, uma “operosidade eruptiva”, alheia aos golpes do método, a lançar chispas pra todos os lados, “como fogos de artifício que rápido brilham e rápido se apagam”.⁹

Lima Barreto é responsável por uma vasta produção escrita¹⁰, que inclui contos, romances – a maioria pertencente ao estilo *roman à clef* –, artigos de jornal, crônicas, ensaios, correspondências, diários; documentos que abordam variados temas que vão desde questões pessoais até suas ideias sobre liberdade, justiça, igualdade, relações interracialis e a dinâmica social no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX. O escritor fazia observações até de eventos mais antigos sobre a cidade. Em seu *Diário Íntimo*, à guisa de exemplo, Lima trazia alguns apontamentos sobre o traslado da Corte ao Brasil. A nota é do ano de 1904:

Dom João VI no Brasil [...]
Escolas superiores. A colônia artística. A cultura musical. [...].
Construções. Criações de novas capitânias. Regime das minas[...].
Modificações na vida comum. Aumento de esplendor. Teatros. Festas religiosas. Trajes. [...]. **Transformação. Museu Nacional.** Relações com o vice-reinado de Buenos Aires [...]. **A escravatura. Leis relativas. Aumento progressivo. Relações entre senhores e escravos. Tronco.** [...]. **Cantos de senzala.** Caráter dos negros. **Mulatos.** [...]. Viajantes estrangeiros. **Capacidade dessa gente pra civilizar-se.** (grifo meu).¹¹

⁸ MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira, vol. II: do Realismo à Belle Époque.** São Paulo: Cultrix, 2016, p. 485.

⁹ Ibidem., p. 486.

¹⁰ Segundo Beatriz Resende, o conjunto da obra de Lima Barreto transita entre três planos: o plano ficcional, o plano histórico e o plano autobiográfico. In: RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993, p. 19-20.

¹¹ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. *Diário Íntimo: memórias.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 42-43.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

Observa-se inicialmente na escrita de Lima Barreto um enfoque nas mudanças urbanas, principalmente no que diz respeito às transformações na infraestrutura e no fomento às novas instituições políticas e culturais na *urbs* carioca¹². Com as reformas ilustradas encabeçadas por Sebastião José de Carvalho e Melo – o Marquês de Pombal, – o Rio de Janeiro, em 1763, passou a ser a capital do Brasil, substituindo Salvador. Com a fuga da Família Real portuguesa, a cidade carioca elevaria ainda mais o seu *status*, sendo promovida também à Capital do Império português. A vinda da Corte deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Esboçava-se, a partir de tais acontecimentos, uma nova vida cultural, com a chegada da imprensa, da circulação de livros e do acesso a diferentes ideias. Em setembro de 1808, veio a público o primeiro jornal editado na Colônia, *A Gazeta do Rio de Janeiro*; abriram-se também teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas, para atender as demandas da Corte e de uma população urbana em rápida expansão.¹³

A “escravatura”, como pontuava Lima Barreto no excerto, era uma questão que não estaria tão resolvida assim, mesmo após os eventos de 1888. “Leis relativas”, ironizava. Segundo observa Lilia Moritz Schwarcz (2011), o enraizamento da monarquia portuguesa em terras tropicais, o prolongamento da permanência da Corte no Brasil e o papel assumido pelo novo Reino Unido condicionariam todo o movimento de independência, o qual, conservador, optou por preservar a centralização, não tocando no regime de mão de obra escravocrata espalhada por todo o território.¹⁴ De acordo Emília Viotti da Costa (2010), ao inaugurar o século XIX o sistema colonial tradicional entrou em crise. A Revolução Industrial que se operava na Europa, o avanço de ideais de cunho liberal e o desenvolvimento das novas formas de capitalismo, bem como o processo de emancipação política das colônias americanas alteraram

¹² Como sede do Império, o Rio de Janeiro assistiu à instalação de uma série de instituições político-jurídicas e econômicas, tais como: o Ministério e o Conselho de Estado, o Desembargo do Paço, a Casa de Suplicação, a Intendência da Polícia, a Mesa de Consciência e Ordens, o Erário Régio, o Conselho Real de Fazenda, a Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação e o Banco do Brasil. Nos campos educacional, científico e cultural instalaram-se instituições como a Academia Real de Marinha (1808), a Academia Real Militar (1810), os cursos de Economia, Agricultura e Química (1808/1810), a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Biblioteca Pública (1810), o Real Jardim Botânico (1810), a Missão Artística Francesa (1816), os Cursos Médico-Cirúrgicos do Rio de Janeiro e da Bahia (1808) e o Museu Real (1818). In: GONDRA, José Gonçalves. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 24.

¹³ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, p. 109.

¹⁴ COSTA E SILVA, Alberta da (Coord.). **Crise colonial e independência: 1808-1830**. História do Brasil nação: 1808-2010. SCHWARCZ, Lilia Moritz (direção). Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 14.

profundamente o esquema tradicional. Novas técnicas de domínio e exploração substituíram as antigas relações entre colônias e metrópoles.¹⁵

Em 1822 o Brasil emancipava-se politicamente, no entanto, as estruturas econômicas e tradicionais se mantinham em suas grandes linhas. Pressionado pelos interesses internacionais, de um lado, controlado pelos representantes dos setores agrários, de outro, e impossibilitado de desenvolver outros tipos de economias, o país continuava ligado às formas tradicionais de exploração de terra: “permaneciam as culturas do tipo extensivo, os latifúndios, o trabalho escravo, [...] todo o quadro, enfim, da agricultura colonial.”¹⁶ O desenvolvimento da cultura cafeeira veio reforçar ainda mais o quadro, tornando mais remotas as possibilidades ao trabalho livre. Com o avanço das políticas liberais e das novas demandas econômicas, sociais e jurídicas, impulsionadas após a Era das Revoluções¹⁷, leis que tratavam sobre a escravidão e os seus limites no Brasil começaram a surgir: Lei Feijó (1831), a Lei Eusébio de Queiroz (1850), Lei Nabuco de Araújo (1854), Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1885). A lei de 13 de maio de 1888 veio dar o golpe de morte numa economia em crise e significou, para a maioria dos fazendeiros cafeeiros, a perda de *status*. Com a abolição, houve um deslocamento do poder político; acelerou-se, dessa forma, a decadência da oligarquia tradicional que detivera o poder durante as tramas políticas do Império.¹⁸

Em 1889 era proclamada a República. O poder econômico começava a concentrar-se em áreas mais dinâmicas. Tinham-se aperfeiçoado os métodos de beneficiamento de café, construído ferrovias que revolucionaram o sistema de transportes e experimentara-se o trabalho livre. Formava-se, a partir desses novos mecanismos políticos e econômicos, uma nova oligarquia que iria controlar o poder político durante a Primeira República. Com a Abolição, apesar dos vaticínios sombrios e da desorganização do trabalho e decadência rápida de certas áreas, o ritmo de desenvolvimento econômico do país acelerou-se. No entanto, as péssimas condições de vida de muitos trabalhadores permaneceram. As novas oportunidades foram aproveitadas pela emergência dos imigrantes; os ex-escravos, porém, marcados pelo lúgubre legado da escravidão, não conseguiriam – salvo raríssimas exceções – competir com o

¹⁵ DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 273-274.

¹⁶ Ibidem., p. 275-276.

¹⁷ Referência à obra do historiador Eric J. Hobsbawm, **A Era das Revoluções** (1962).

¹⁸ DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 342.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

estrangeiro no mercado de trabalho. A grande maioria continuou como trabalhador de enxada, num estilo de vida tão precário quanto ao de outrora.¹⁹

Observando tais incongruências e limites na questão da Abolição, Lima Barreto, negro, não deixou de observar e registrar em seus diários e crônicas muito dos antagonismos políticos e jurídicos a que a nação brasileira vivia acometida. Crítico assíduo de seu tempo, o ferrão de sua escrita denunciava, por exemplo, os letrados e políticos que se aproveitaram da causa do 13 de maio para a autopromoção. Em registro do dia 02 de fevereiro de 1905, na ocasião da morte do jornalista José do Patrocínio (1853-1905), Lima censurava a comoção pública de sua morte, bem como o título que Patrocínio recebera, o de “alma da Abolição”. O escritor destacava em seu diário:

Quem conheceu o Patrocínio como eu o conheci, lacaio de todos os patoteiros, alugado a todas as patifarias, sem uma forte linha de conduta nos seus atos e nos seus pensamentos, não acredita que pudesse ter sido, como dizem, o apóstolo da Abolição. [...] Ele se serviu da coisa como um meio de arranjar facilmente dinheiro, explorou-a em seu proveito, na parte pecuniária e na parte gloriosa. A lei de 13 de maio vinha de longe, era convicção da nação a injustiça da escravidão, não precisava de jornalistas nem evangelizadores para mostrar-lhe a injustiça. (grifo meu).²⁰

Lima Barreto continua o registro observando que o sentimento de “ilegalidade” diante da questão escravista foi se espalhando pelo país e teve aumento extraordinário depois da guerra do Paraguai. Com a lei dos sexagenários ocorreu a mesma coisa. “E, quando já era quase universal no Brasil esse amargo sentimento” – pontua o escritor – “é que apareceu seu Patrocínio, que, sem honestidade e sem grandeza, aproveita-se da história e, pelo “jornalismo”, consegue ser elevado à altura de um apóstolo [...]”.²¹

Os constantes exemplos de descasos com a população negra recém liberta, em um país que lhes negava todo tipo de assistência, compõem ainda o panorama crítico da escrita- protesto em Lima Barreto. Para Emília Viotti (2010), como a Abolição resultara mais do desejo de livrar o país dos inconvenientes da escravidão do que de emancipar, de fato, o escravo, as camadas sociais dominantes não se ocuparam do negro e de sua integração na sociedade de classes. Assim, o ex-escravo foi abandonado à sua própria sorte²²: “É singular que, fazendo eles a

¹⁹ Ibidem., p. 342-343.

²⁰ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo**: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 98.

²¹ Ibidem., p. 98.

²² DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 343.

República (os oficiais), ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro. É singular essa República” – escrevia Lima Barreto, em 10 de janeiro de 1905.²³

O caso de João Henriques de Lima Barreto, pai de Lima Barreto, ilustra bem o descaso com a população negra no contexto da inauguração do regime republicano no Brasil – situação agravada para aqueles que estavam vinculados, de alguma forma, à antiga administração imperial. João Henriques, monarquista, possuía certo cabedal de conhecimentos, tendo boa formação em humanidades; era também autodidata, tendo feito exames preparatórios no Colégio Pedro II e prestado o vestibular na Faculdade de Medicina. Não prosseguiu nos estudos por falta de recursos e pela necessidade de ganhar a vida. Ainda menino, sob o regime de um Rio de Janeiro imperial, João Henriques entrou para o Imperial Instituto Artístico, onde aprendeu os ofícios de compositor e litógrafo. Trabalhou primeiro nas oficinas do *Jornal do Comércio*, e depois nas d’*A Reforma*, órgão do Partido Liberal. Foi nesse contexto que conheceu o futuro Visconde de Ouro Preto, que se tornaria seu protetor e compadre, além de padrinho de casamento (1878) e padrinho de seu segundo filho, Afonso Henriques de Lima Barreto.

Em 1878, João Henriques foi nomeado por Afonso Celso, então ministro da Fazenda, para a Imprensa Nacional, como operário de primeira classe (mais tarde é feito mestre de composição). Acompanhando o compadre de Ouro Preto, foi ainda chefe das oficinas da Tribuna Liberal, nos últimos tempos da monarquia. Com o advento da República, e por conta desse vínculo, acabou sendo demitido do seu emprego público. Em 1902 acontece a grande desgraça doméstica que irá assombrar a vida de Lima Barreto. O pai enlouquece. A forma como João Henriques fora tratado pelo regime da República, e as penúrias advindas disso, despertaram em Lima Barreto uma amargura sem precedentes pelo novo governo. Diagnosticado com neurastenia nervosa²⁴, João Henriques de Lima Barreto ficara sob os cuidados do filho Lima, que se tornara arrimo de sua família. Os apertos financeiros, as tentativas de sanar as antigas dívidas do pai, as constantes mudanças de lugar, as dificuldades domésticas e os muitos aborrecimentos burocráticos foram alguns dos infindáveis problemas

²³ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo**: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 82.

²⁴ João Henriques de Lima Barreto recebe o diagnóstico de “neurastenia cerebral”, termo genérico para diversos transtornos mentais.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

que Lima Barreto precisou enfrentar a partir de então. As trocas de correspondências com João Paulo Teixeira (senhorio), em 1903, evidenciam um pouco o drama experimentado por Lima:

Rio de Janeiro, 25 de março de 1903.

Amigo Doutor João Paulo da Rocha

Era de longa data a residência que meu pai e minha família faziam na vossa casa, sita no lugar do Carico da ilha do Governador [...]. Pois bem; anos correram e em setembro de 1902, meu pai, afetado de moléstia nervosa (neurastenia cerebral, segundo opiniões dos doutores [...]), viu-se na contingência de transferir, temporariamente, a sua residência para o Engenho Novo [...], onde se demorou cerca de dois meses e meio, findos os quais, por prescrição médica, voltou à ilha, residindo em vossa casa. Óbvio seria aqui notar-vos que, para uma família que vivia dos minguados recursos que um mesquinho ordenado dava, transtornos na sua economia causaram tão dispendiosas mudanças e acréscimo de despesas provindos do habitar a cidade, onde a vida é bastante cara. Motivo foi esse pelo qual meu Pai, anteriormente tão pontual, não pôde satisfazer o pagamento do segundo semestre na época regimental [...].²⁵

68

O fragmento expõe Lima Barreto tentando negociar as dívidas pendentes deixadas pelo pai, ao tempo em que manobrava o preço dos aluguéis. Como explica Francisco de Assis Barbosa (1956), essa troca de cartas entre inquilino e senhorio põe em evidência um dos aspectos trágicos vivenciados pela família do escritor. Segundo o próprio Lima, este histórico do referido acontecido proporcionou à vida econômica da família um conjunto de desgraças: “por isso, nas mais duras das contingências, meu pai [...] foi obrigado a suspender a execução dos seus compromissos, não porque lhe faltasse a vontade e a consciência do dever, mas sim pela completa falta de recursos [...]”.²⁶

Após a doença do pai e a sua consequente demissão do emprego, Lima Barreto, como pontuado, passou a ser o pilar financeiro de sua casa, pesando uma grande responsabilidade sobre o escritor que lutava por um lugar de renome na intelectualidade de um Rio de Janeiro que abrigava “mosqueteiros intelectuais”. A trajetória do próprio Lima e o seu esforço hercúleo para se estabelecer enquanto literato celebrado foi atravessada de intensos contrastes e contragostos. Em 1897, depois de concluir os exames preparatórios no Ginásio Nacional, Lima Barreto matriculou-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde iniciou o curso de Engenharia. Em 1903, quando ainda estava no terceiro ano da formação – e passando por enormes dificuldades acadêmicas (com notas baixíssimas nas disciplinas de cálculo) – foi obrigado a abandonar o curso devido à enfermidade do pai. A partir desse momento, Lima

²⁵ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Correspondência ativa e passiva [v. 01, vol. 02], São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 41-42.

²⁶ Ibidem., p. 42-43.

assumiria o sustento da família (do pai e de mais três irmãos). No ano de 1904 prestou concurso para o Ministério da Guerra, exercendo o cargo de escriturário até o seu aposento. As dívidas, no entanto, eram muitas. Os escritos e notas deixados pelo autor revelam detalhes dessa condição. Em carta enviada ao editor e escritor Carlos Viana, Lima Barreto expunha: “Estou perfeitamente arreventado. Vê se me arranja uns trinta mil-réis”.²⁷ Enfrentando os problemas da aposentadoria paterna²⁸, Lima Barreto confessava suas muitas dificuldades ao Diretor do Tesouro. Em carta enviada no ano de 1904, o escritor confessava:

Não será preciso, creio, muito esforço de pensamento para que Vossa Excelência calcule as dificuldades que sobrevêm à vida, à marcha e à economia de uma família que, vivendo de recursos oriundos de modesto ordenado de seu chefe, se vê, de uma hora para outra, constrangida a viver com menos da metade desse ordenado... Vossa Excelência imaginará como isso é difícil? Agora Vossa Excelência verá quanto mais difícil é, para essa gente, viver com coisa nenhuma! Não há negar: é horroroso. Pois bem, foi êsse o caso de meu Pai até dezembro de 1903, quando, por êsse tempo, eu fui nomeado amanuense da Secretaria da Guerra, emprêgo do qual vou tirando alguns recursos para sustentar a minha numerosa família. Entretanto, com serem escassos e apoucados, êsses recursos são provisórios, transitórios, dependem do meu estado civil, da minha saúde, da minha vida, a cujas contingências, não deve, creio, estar adstricto um funcionário com mais de vinte anos de serviço.²⁹

O fragmento expõe as angústias cotidianas de Lima Barreto e a precária condição financeira enfrentada pela sua numerosa família. Sem o emprego do pai, Lima se viu com menos da metade dos ordenados. Observa Nicolau Sevcenko (1989), que o advento da República fora uma experiência que marcara de forma incisiva e traumática Lima Barreto. Desde a exoneração de João Henriques do seu cargo público, logo nos dias que se seguiram ao desfile de Deodoro, o novo regime político só lhe trouxera uma série de inapeláveis desgraças familiares e pessoais. O autor, porém, nunca ocultou o seu profundo desgosto com a nova ordem, que considerava como fonte de todos os infortúnios que acometiam a nação³⁰: “é notório

²⁷ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Correspondência ativa e passiva [v. 01, vol. 02], São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 52.

²⁸ Segundo documentos existentes no arquivo do Ministério da Fazenda, verificou-se que o decreto da aposentadoria de João Henriques foi assinado pelo presidente da República em 2 de novembro de 1903. Só a 12 de julho de 1904 – mais de um ano depois – expediu-se o título de aposentadoria. De operário da Imprensa Nacional a administrador das Colônias de Alienados da ilha do Governador, o pai de Lima Barreto contou, ao todo, vinte e dois anos, dez meses e dois dias de serviço público. Aposentou-se com vencimento anual de 1:827\$111. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). BARRETO, Lima. **Obras de Lima Barreto**: correspondência, tomo I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Correspondência ativa e passiva [v. 01, vol. 02], São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 57-58.

³⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 125.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

que aos governos da República do Brasil faltam duas qualidades essenciais a governos: majestade e dignidade”.³¹ Para o escritor, seria a República da Bruzundanga – “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, porém, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava”.³²

Outrossim, Lima denunciava a degeneração cultural que havia invadido a República, sobretudo com os efeitos do jornalismo sobre as consciências e a literatura. O processo de decadência intelectual e o de “glorificação das mediocridades” foi acompanhado com dissabor pelo escritor carioca.³³ “É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão”³⁴ – insinuava Lima em registros de 1905. O escritor desdenhava, inclusive do diplomata Ruy Barbosa: “É um perfeito retórico esse tal Ruy, glória do Brasil e honra da América do Sul.”³⁵ Lima observava nestas mesmas notas que, pelos dias 16 a 20 de novembro, Ruy Barbosa havia publicado uma carta na *Tribuna*, fazendo considerações sobre os gloriosos acontecimentos dos dias 14 e 15 do referente mês. Segundo o literato carioca, o político afirmara “que a noite de 14 fora prenhe de ameaças, mas que a providência divina, protegendo o Brasil, permitira que a manhã de 15 fosse clara, radiante e azulada, como convinha a uma manhã cheia de boas novas...”³⁶ O fato era, lembrava o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que na manhã de tal dia havia chovido muito, e “foi feíssima, haja visto o testemunho dos que viveram e viram. Como a retórica exigia, lá vai pura, azulada e radiante”.³⁷

A corrosão da literatura, da sua capacidade expressiva e significação cultural foi sentida por Lima Barreto – assim como o foi com Euclides da Cunha – principalmente através da crítica, obcecada pelos rigores gramaticais.³⁸ Indagador assíduo de Floriano Peixoto e do florianismo, Lima Barreto renovaria sua carga de rancor contra Hermes da Fonseca e o herminismo,

³¹ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 48.

³² BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 268.

³³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 126.

³⁴ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 99.

³⁵ Ibidem., p. 84-85.

³⁶ Ibid., p. 85.

³⁷ Ibid., p. 85.

³⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 126.

“estigmatizando cabalmente o jacobinismo, a intervenção dos militares na política e de forma geral todo e qualquer tipo de violência que se manifestasse no interior da sociedade”.³⁹ Em uma nota de 1904 em seu *Diário íntimo*, Lima refletia sobre o medo que o país lhe causava:

Este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil. Trinta dias depois, o sítio é a mesma coisa. Toda a violência do governo se demonstra na ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre. Um progresso! Até aqui se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante quatrocentos anos não se fez outra coisa pelo Brasil. Creio que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser estado de fazenda. De sítio para fazenda, há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos.⁴⁰

Pelo trecho, o autor estava fazendo alusão aos acontecimentos políticos de 1904 no Brasil. No início do século XX, no Rio de Janeiro, diligências em torno do combate a diversas doenças davam início a uma série de polêmicas no país. A campanha de combate à varíola resultou, em novembro de 1904, em uma revolta popular e militar chamada de Revolta da Vacina, ou Quebra-Lampiões. O movimento se organizava como um protesto contra a lei da obrigatoriedade da vacina em massa, instituída pelo prefeito Pereira Passos, e colocada em prática pelo então Diretor Geral de Saúde Pública, Oswald Cruz – contratado para combater os surtos de doenças que castigavam e amedrontavam o país, a exemplo da varíola e da febre amarela. Entre os dias 10 e 16 de julho de 1904, inúmeros protestos aconteceram, até que o então presidente Rodrigues Alves mobilizou o exército e decretou estado de sítio ao país.

Os episódios da Revolta da Vacina podem ser vistos na escrita particular de Lima Barreto. Em suas notas de 1904 para o *Diário Íntimo*, o escritor detalhava:

Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhanamente, arrebatavam-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapidadamente.⁴¹

No lastro de sua memória, Lima Barreto via o movimento embebecido de grotesca violência, vexames e humilhações. Um terror sob tons: “O Terror do Alves; o do Floriano foi

³⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 126-127.

⁴⁰ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo**: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 49.

⁴¹ Ibidem., p. 49.

**“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”:
LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS**

vermelho; do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco de bacalhau”.⁴² A Revolta da Armada (1891-1894) também foi captada pela sua escrita mais particular. Em registro do dia 21 de setembro de 1893, Lima descrevia:

Infelizmente não posso lá ir. Corre o boato que a ilha está armada pelos revoltosos. Mande-me algum dinheiro, recebi sua carta de 19. Não sei em que dará isso, o fim há de ser feito. Aqui passamos como porcos, dormindo, comendo e brincando. O senhor deve saber que a “República” saiu para Santos com dois navios da Frigorífica e duas torpedeiras. Anteontem houve um combate, no qual morreu um soldado e feriram-se muitos.⁴³

72

Uma revolta de “caráter desagradável”, completava Lima Barreto o seu raciocínio. Não se deixavam entrar navios, nem sair: “o que será de nós? Morremos de fome. Os revoltosos já são senhores da Armação”.⁴⁴ As balas continuavam a chover em Niterói. As famílias que moravam no litoral abandonavam aos poucos as suas casas. Corria o boato de que a ilha estaria tomada. “Adeus. Lembrança a todos” – finalizava Lima Barreto apressado e aflito.

“Como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos”⁴⁵

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

Lima Barreto, 26 de dezembro de 1904.

Até os anos de 1860 as ideias antiescravistas encontraram escassa repercussão perante a opinião pública.⁴⁶ Os projetos políticos apresentados ao parlamento, e que visavam uma melhoria, ainda que insípida, nas condições de vida dos escravos, despertaram forte resistência das grandes elites. A literatura, por outro lado, iniciou um papel importante em tais mecanismos e jogos de poder, fornecendo uma imagem “convencional” do negro, tornando-se aos poucos

⁴² Ibid., p. 49.

⁴³ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Correspondência ativa e passiva [v. 01, vol. 02], São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 28.

⁴⁴ Ibidem., p. 29.

⁴⁵ Frase dita por Lima Barreto ao lembrar das comemorações do dia 13 de maio de 1888. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Org.). **Lima Barreto: toda crônica** – vol. 01: 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 77.

⁴⁶ DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 335.

mais consciente dos problemas criados pela escravidão. Dos poetas, foi Castro Alves quem melhor encarou tal tendência; na prosa, destacou-se Joaquim Manuel de Macedo, em *As vítimas-algozes: quadros da escravidão* (1869). Com a Guerra do Paraguai, cresceria o número de obras desse gênero: novelas, contos, romances, peças teatrais, folhetos, panfletos. Multiplicavam-se os jornais abolicionistas e a imprensa preparava a opinião pública para aceitar as ideias de emancipação⁴⁷. Em São Paulo ficou conhecida a atuação de Luiz Gama, ex-escravo e advogado que batalhou pela Abolição, defendendo na justiça a causa dos africanos ilegalmente escravizados.

No início da década de 1880, a palavra “república” ganha reverberação no Brasil. Sobre tudo entre intelectuais, literatos, boêmios, políticos e jornalistas interessados em fazer vida literária e em entender de forma mais aprofundada o que causava a agitação política no país.⁴⁸ No final do século XIX, a mesma palavra “república” representava uma nova esperança de futuro; trazia a marca de um tempo novo e acelerado em que modernização era sinônimo de civilização. Conforme explica Heloísa Murgel Starling (2019), a definição de República foi remodelada a partir do conteúdo produzido pelas novíssimas doutrinas utilizadas na época – positivismo, evolucionismo, darwinismo social. No entanto, se as possibilidades de fundar a República no Brasil eram de fato reais, os resultados ficaram abaixo do desejado. A república era contornada de traços perversos: proclamado o novo regime político em 1889, o governo republicano formava uma elite conservadora, excludente e sem nenhuma sensibilidade para questões sociais e/ou raciais. Algo dera muito errado em nosso desejo de futuro, e os homens de letras estavam lá para confirmar e registrar tais fraturas.⁴⁹

Sentindo na pele a exclusão de sua cor, e vivenciando cotidianamente a herança nefasta deixada pela escravidão, Lima Barreto representa o modelo das hostilidades enfrentadas por um literato condicionado pelas especificidades do seu tempo e do seu lugar: um homem negro, vivendo no Brasil do final do século XIX e início do século XX, pobre, com um pai acometido pela loucura, endividado, concorrendo com literatos brancos, reconhecidos, de famílias abastadas e influentes. “Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me [...]. É triste não ser branco”⁵⁰ – desabafava melancolicamente o escritor

⁴⁷ Ibidem., p. 335.

⁴⁸ STARLING, Heloisa Murgel. Letrados e República no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. SATRLING, Heloisa M. (Orgs.). **Dicionário da República**: 51 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 191

⁴⁹ Ibidem., p. 192.

⁵⁰ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo**: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 130.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

carioca em 24 de janeiro de 1908. Lima Barreto encarava, sem máscaras, a face lúgubre de uma República que o segregava e o boicotava o tempo todo. Não é à toa que o literato teve recusado, por três vezes, o seu pedido à candidatura como membro imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Porém, como um bom articulador de palavras e de situações, não se calou frente a tamanhas exclusões: “E hoje é para mim motivo de alegria poder [...] tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido”⁵¹; ou ainda: “É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberba de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos”.⁵²

O seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), uma espécie de autobiografia, serve como verdadeiro manifesto contra o racismo escancarado no Brasil republicano. De acordo com Francisco de Assis Barbosa (1956), tal romance representa a luta contra o preconceito de cor, além de ser um combate contra a mediocridade, contra uma falsa concepção de imprensa e literatura, “acompanhada da amarga experiência da vitória, à custa de transigência de toda ordem e do sacrifício da própria dignidade humana”.⁵³ Um bom exemplo de como Lima Barreto enxergava o jogo das aparências na República pode ser investigado por meio de suas notas avulsas, conservadas por seus familiares após a sua morte. Tendo forte percepção do seu lugar social, dos seus vícios e da sua própria condição enquanto literato pobre e negro, Lima passou a gerenciar os seus próprios mecanismos de fuga e de autossabotagem. Vejamos um caso em específico.

Em abril de 1921, Afonso Henriques de Lima Barreto foi convidado para ministrar uma palestra no município de São José do Rio Preto, em São Paulo. Na manhã do fatídico dia, entretanto, desapareceu. Assustado com todo o desprendimento social que o “evento-inimigo”⁵⁴ promoveria, o escritor carioca – que não se considerava um exímio palestrante e muito menos galanteador o suficiente para atrair uma plateia⁵⁵ – foi encontrado por um suposto Dr. Prata.⁵⁶

⁵¹ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 111.

⁵² Ibidem., p. 112.

⁵³ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 13.

⁵⁴ Lima Barreto chamou o fatídico dia de inimigo: “Me eximi de experimentar fazê-las (as conferências), empregando para isto todos os subterfúgios, todas as escusas, desde a simples desculpa de doença até à fuga covarde diante do inimigo”. In: RESENDE, Beatriz (Org.). **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 266.

⁵⁵ RESENDE, Beatriz (Org.). **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 18.

⁵⁶ Ranulfo Prata era um jovem médico com ambições literárias.

Lima estava em um botequim, completamente bêbado, sujo, solitário e jogado às circunstâncias. Mas as angústias daquele crítico momento foram registradas. O texto sobreviveu. Lima Barreto deixaria, sem perceber, o seu testamento literário: um artigo-legado cheio de camadas sob o título de *O destino da literatura*.⁵⁷

Este documento, publicado na *Revista Souza Cruz* em outubro de 1921, muito tem a dizer de Lima Barreto e do seu tempo. A começar pela elucidação que o escritor tinha do Rio de Janeiro e da “República das aparências: “Esta (a aparência física) é a qualidade fundamental para se fazer uma excelente conferência, no julgar de todos ou de todas da cidade brasileira em que nasci”⁵⁸, denunciava o escritor. Como vítima que foi das muitas injustiças e hostilidades de sua época, Lima consegue lapidar em sua escrita um forte teor militante⁵⁹. Em *O destino da literatura* o autor observa que o homem não pode ficar adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele pode ir mais longe para alcançar “a vida total do universo e incorporar a sua vida na do mundo”.⁶⁰

As crônicas de Lima Barreto também são reveladoras das suas muitas angústias, bem como desnudam seus embates contra a falsa ideia de liberdade. Publicado na *Gazeta da Tarde*, em 04 de maio de 1911, a crônica intitulada *Maio* destacava a saudosa recordação que Lima conservava da efeméride de 13 de maio de 1888:

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei de abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço. Na minha lembrança [...] lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo. Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o Patrocínio. Havia uma imensa multidão ansiosa, com olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal, a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenços, vivas... Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Em geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia.⁶¹

Na missa que assistira em celebração à ocasião, no Campo de São Cristóvão, o escritor lembrava do quadro *Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles: “Era como se o Brasil

⁵⁷ BARRETO, Lima. O destino da Literatura. *Revista Souza e Cruz*, Rio de Janeiro, n. 58, outubro de 1921.

⁵⁸ RESENDE, Beatriz (Org.). *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 266.

⁵⁹ BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter um mito: história, literatura e política em Lima Barreto*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

⁶⁰ RESENDE, Beatriz (Org.). *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 279.

⁶¹ Ibidem., p. 77.

**“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”:
LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS**

tivesse sido descoberto outra vez”.⁶² Nesta mesma crônica, agora passados vinte e três anos após o vultoso 1888, Lima denuncia a realidade social daquele antigo (e ainda recente) sonho de liberdade: “[...] mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!”.⁶³

Lima sonhava em ser grande, reconhecido. Desejava não ter mais dívidas, e seus poucos dias de paz foram aqueles em que conseguiu empréstimos nos bancos. Sonhava em ser tratado com dignidade e respeito. Também idealizou escrever uma história da escravidão no Brasil – “No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.”⁶⁴ Com o tempo, porém, este sonho provou-se malogrado pelos condicionamentos e pelas rejeições que acometiam o autor: “Essas ideias que me perseguem de [...] fazer a vida escrava [...]. – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me por acima delas”⁶⁵ – confessa o literato em notas de 1905. O sonho se alargou e Lima deu início aos planos para uma espécie de romance sobre a vida e o trabalho dos negros em uma fazenda: “Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão”.⁶⁶ No entendimento de Lima Barreto, tal empreendimento lhe traria, ao mesmo tempo, riscos e glórias: Os ricos estariam em dizer que a obra se alocaria, conceitualmente, enquanto “negrismo” – uma nova espécie de indianismo; e a proximidade simplesmente aparente das *cousas* turbaria todos os espíritos em seu desfavor”.⁶⁷ “Mas... e a glória” – frisava Lima em conclusão – “e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertenço. [por isso] Tentarei e seguirei avante”.⁶⁸

A partir da segunda metade do século XIX insere-se no cenário brasileiro doutrinas de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo⁶⁹. As teorias de superioridade e inferioridade racial, alinhadas a um discurso científico, higienista

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibid., p. 78.

⁶⁴ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo: memórias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 33.

⁶⁵ Ibidem., p. 84.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Obras de Auguste Comte, como *Opúsculos de Filosofia Social* (1816-1828) (republicados em conjunto, em 1854, como apêndice ao volume IV do *Sistema de política positiva*), *Curso de filosofia positiva*, em 6 volumes (1830-1842), *Discurso sobre o espírito positivo* (1848), *Sistema de política positiva*, em 4 volumes (1851-1854); e de Charles Darwin, *A Origem das Espécies* (1859), são exemplos de livros que tratam e sistematizam tais pensamentos

e de progresso, encontrariam pronta aceitação na sociedade brasileira do século XIX e início do XX. Sociedade de poucos recursos, onde a concorrência pelas oportunidades era dramática.⁷⁰ Além disso, havia a herança da escravidão, que colocava à margem da sociedade vários negros recém-libertos, considerados, naquele momento, como a escória e o atraso do mundo. A “redenção de Cam” era desejada, e o embranquecimento da nação era estimulado. Prova disso é a ficha do arquivo no Hospital dos Alienados, em que Lima Barreto fora internado em 1904 por conta do seu vício no álcool. Na sua ficha de reconhecimento Lima é identificado como “branco” – talvez a única forma de conseguir um pouco melhor de tratamento no inóspito lugar.

Essas teorias acabavam dando substância e validade para atitudes segregacionistas “que de outra forma se acanhariam diante de um mero bom senso”.⁷¹ Tais teses e pressupostos científicos não amordaçaram a crítica de Lima Barreto, que denunciou sem medo as teorias darwinistas de sua época: “Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça”.⁷² Segundo o literato, dizia-se ainda que as misturas entre essas raças eram como um vício social, “uma praga e não sei que coisa feia mais”. Tudo isto era proclamado em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.⁷³ Condenando as várias formas de exclusão e de teorias científicas – que tinham fortes raízes e substratos no continente onde as *Luzes* e os liberalismos despontaram – Lima complementava o seu registro do ano de 1905 em formato de protesto: “É que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo”.⁷⁴

Considerações finais

Em Lima Barreto verifica-se o desejo de revelar, por meio de seus escritos, um relato maciço e condensado do presente, carregado, como explica Nicolau Sevcenko (1989), do máximo de registros e anotações dos vários níveis que o saber do seu tempo permitia captar e compreender. A exposição que fez da República brasileira e de todos os seus edemas revela-

⁷⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 174.

⁷¹ Ibidem., p. 174-175.

⁷² BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Obras de Lima Barreto. **Diário Íntimo: memórias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 110.

⁷³ Ibidem., p. 110.

⁷⁴ Ibid., p. 112.

“NA ORLA DOS SEPULCROS CAIADOS”: LIMA BARRETO, RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA DOS PRESSÁGIOS

nos a sua capacidade em expor os vórtices de situações históricas, trazendo consigo uma dupla consequência de “sugerir mimeticamente a intensificação insólita dos processos de transformações contemporâneos à sua obra e de introduzir uma feição expressionista [...] pela exacerbação de suas próprias características”.⁷⁵

Praticamente tudo o que de mais significativo oferecia a realidade de sua época era apreendido pelas lentes afiadas de sua escrita. Tudo concorria para engendrar um imenso caleidoscópio, taciturno e ruidoso, que caracterizava a *Belle Époque* de “seus atavios de opulência e frivolidade”.⁷⁶ Ao denunciar e satirizar as mazelas do governo republicano, as suas falcatruas, empreguismos, nepotismos, imprensa financiada, a ciência (elevada à condição de mito da Belle Époque), Lima Barreto pintava o quadro de toda a pantomima ao qual o país estava imerso. “A politicagem desenfreada representava o pleno regime da irracionalidade administrativa percutindo por toda parte e sobre todos, gerando mal estar, insegurança, privação, miséria e marginalização”.⁷⁷

A República em que Afonso Henriques de Lima Barreto habitou proliferava desgraças sem medidas. A população da Bruzundanga ficava atormentada. As redes de leis, os códigos de posturas, os preceitos, os antagonismos, as misérias, os bovarismos. Tudo parecia compor um espelho da vida e das tragédias do próprio Lima Barreto: “De norte a sul, sucediam-se epidemias de loucuras. [...] Nas cidades, os hospícios e asilos de alienados regurgitavam. O sofrimento e a penúria levavam ao álcool, “para esquecer”; e o álcool levava ao manicômio”.⁷⁸ A República dos Presságios avançava a galope. A República dos Manicômios e das Neurastenias sussurravam para Lima Barreto, como que desenhando o seu triste destino. O literato seria atingido em cheio, sem piedade alguma. Triste fim de Lima Barreto. E sem exagero de pretensões, tudo que o melancólico visionário desejava na vida, e rogava a Deus por isso, era “um amor, um belo livro, e uma viagem pela Europa e pela Ásia”.⁷⁹

⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 161-162.

⁷⁶ Ibidem., p. 162.

⁷⁷ Ibid., p. 171.

⁷⁸ BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Obras de Lima Barreto**. Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 268-269.

⁷⁹ BARRETO, Lima. [Diário íntimo]. **Obra reunida** – volume 02. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). Com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. **Obras de Lima Barreto. Diário Íntimo: memórias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 96.